



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14739 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 14 / GT 17 - Sociologia da Educação e Filosofia da Educação

A INDÚSTRIA CULTURAL E A (DE)FORMAÇÃO DO SUJEITO

Michele Carolina de Jesus Melo - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Izadora Sarmiento Loureiro Pedrosa - UFG - Universidade Federal de Goiás

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A INDÚSTRIA CULTURAL E A (DE)FORMAÇÃO DO SUJEITO

Quem quiser (...) a verdade da vida (...) tem que investigar sua configuração alienada.

(Adorno, 1993, p. 7)

Palavras-chaves: Indústria cultural; (De)formação; Teoria crítica.

INTRODUÇÃO

Este estudo resulta de uma análise teórica fundamentada em Adorno e Horkheimer e tem como ponto de partida a problemática da (de)formação do sujeito por meio indústria cultural, que é ao mesmo tempo pressuposto e produto da irracionalidade do modo de produção capitalista. A indústria cultural, também descrita por Adorno (1996), como fenômeno do sempre igual, produz mercadorias que ultrapassam a dimensão do mero consumo e tornam-se constitutivos da subjetividade humana.

Este pressuposto pode ser compreendido quando Marx (1985, p. 72), inverte definitivamente a aparência de que a produção dos objetos é “destinada” a determinados sujeitos, enquanto na realidade o que se produz é um sujeito para o objeto. A produção, que oculta seus fundamentos no próprio ato de se produzir, é a esfera mais determinante para os demais processos contraditórios de produção e reprodução material da existência.

Sob a insígnia do dinheiro, do salário e demais formas ilusórias de trocas realizadas para satisfação de necessidades humanas, o que se impõe é negativo frente ao sujeito, que entrega a vida como força de trabalho que, (já pressuposto na produção) lhe retorna sob a forma de objetos que também já na produção se determinam como negativos frente ao sujeito. Ressalta-se estas as reflexões acerca do tempo livre, da expropriação do sujeito na esfera da produção e consumo, e de como na relação sujeito-objeto, desenvolve-se a forma autoritária de constituição do sujeito interno às relações sociais de produção.

DESENVOLVIMENTO

Adorno (1996) analisa o tempo livre dos sujeitos, na medida que este carrega a racionalidade do modo de produção capitalista, ao evidenciar que até mesmo o tempo livre dos trabalhadores está determinado ao trabalho como forma-mercadoria. Os sujeitos não dispõem do seu tempo livre com real liberdade, uma vez que suas consciências são profundamente penetradas pelo fascínio da indústria cultural e pelo desejo de desvincular-se da exaustão provocada pelo trabalho.

Por um lado, associa-se o trabalho à concentração e a consciência e, por outro, associa-se ao tempo livre a função de restaurar a força de trabalho para que depois se possa produzir mais e melhor. Essa dinâmica impede que as pessoas usem o tempo que lhes resta fora do trabalho para pensar e produzir sentido sobre a realidade: “Essa rígida divisão da vida em duas metades enaltece a coisificação que entrementes subjogou quase completamente o tempo livre” (Adorno, 2010, p. 73).

Há, portanto, uma racionalidade instrumental, inerente à hegemonia capitalista, que organiza a estrutura social. A relação dessa estrutura de dominação se encontra imbricada nas contradições entre sujeito e objeto. A indústria cultural constitui uma forma totalitária de cultura que dissemina a padronização da vida, da experiência e da consciência. Para o consumidor o que resta é a passividade, uma vez que a imaginação e a criatividade são impossibilitadas:

O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento -, mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada (Adorno & Horkheimer, 2021, p. 113).

Não há espaço para outra coisa que não seja a produção de mercadorias e de pessoas como coisas. Chega para todos os públicos objetos com a mesma promessa de identificação entre o indivíduo e a sociedade. O que resulta dessa engrenagem é a concretização maldosa

dos sujeitos como seres genéricos, que quando não estão no papel de trabalhadores ocupam o de consumidores que se identificam com a desumanização e com a barbárie, conciliada pelos aspectos universais e particulares.

A partir destes fundamentos estudados, revelar a pobreza da constituição do indivíduo é um movimento de resistência que coloca em xeque a perpetuação de um sistema baseado na exploração e na dominação, possibilitando outra forma de existência e outro projeto de sociedade.

CONCLUSÕES

Os fundamentos estudados permanecem atuais e revelam que combater a barbárie é o desafio mais urgente da humanidade e, portanto, o objetivo mais elementar de uma formação direcionada para a humanização. O pensamento que enfrenta o real em sua produção é o horizonte formativo na perspectiva desta teoria. Há uma racionalidade eclipsada em que ora um sujeito aparece como destituído de objeto, e ao mesmo tempo, aparece um objeto destituído de sujeito, o que na verdade, há que se manter a tensão, a despeito de uma apropriação afirmativa frente à aparência da realidade. A constatação que se faz é que a propriedade privada, os processos de individualização do sujeito se desenvolvem ao mesmo tempo em que agudizam a necessidade de superação desta práxis histórica. Assim sendo, o que se há de manter é a luta pela formação como resistência e contraforça, o pensamento crítico e a autorreflexão.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. A Indústria Cultural: o Esclarecimento como Mistificação das Massas. In: **Dialética do esclarecimento**. Tradução: Guido A. Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, T.W. Educação contra a barbárie. In: **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2021.

_____. Sobre sujeito e objeto. In: **Palavras e sinais: modelos crít. 2**. Tradução: Maria H. Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Tempo livre. In: **Palavras e sinais: modelos críticos. 2**. Tradução: Maria H. Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1985.